

Mídia e interpretação: os interesses do capital no discurso sobre “crise econômica”

Medios de comunicación e interpretación: los intereses del capital en el discurso sobre “crisis económica”

Media and interpretation: the interests of capital in the discourse on “economic crisis”



Helson Silva Sobrinho¹

Resumo: A partir da perspectiva da Teoria materialista do discurso, analisamos os sentidos de “crise econômica” veiculados na mídia. Os recortes discursivos foram retirados dos *sites* das revistas Exame e Carta Capital. Nossa hipótese foi que as duas revistas têm posições distintas e, supostamente, significam a “crise econômica” diferentemente. Para realizar o estudo, rastreamos pistas na materialidade linguístico-histórica que iluminaram a compreensão sobre o caráter material do sentido. Concluímos que as duas revistas se inscrevem em posições ideológicas distintas. A revista Exame fala sobre a crise econômica, lançando sentidos que orientam o Estado e os empresários para a reprodução do capital. Já a revista CartaCapital assume uma posição crítica, no entanto, não se coloca como revolucionária.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Mídia, Crise econômica, Capitalismo.

Resumen: Desde la perspectiva de la Teoría materialista del discurso, analizamos los sentidos de “crisis económica” transmitidos en los medios de comunicación. Los recortes discursivos fueron recolectados de los sitios de las revistas *Exame* y *Carta Capital*. Nuestra hipótesis fue que las dos revistas tienen posiciones distintas y, supuestamente, significan la “crisis económica” de modo diferente. Para realizar el estudio, rastreamos

¹ Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2006) com sanduíche no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP. E possui graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal de Alagoas (2002).

pistas en la materialidad lingüístico-histórica que iluminaron la comprensión sobre el carácter material del sentido. Concluimos que las dos revistas se inscriben en posiciones ideológicas distintas. La revista *Exame* habla sobre crisis económica lanzando sentidos que guían al Estado y a los empresarios hacia la reproducción del capital. Mientras la revista *Carta Capital* asume una posición crítica, sin embargo, no se coloca como revolucionaria.

Palabras clave: Análisis del Discurso, Medios de comunicación, Crisis económica, Capitalismo.

Abstract: From the perspective of the Materialist Theory of Discourse, we analyze the meanings of “economic crisis” conveyed in the media. The discursive clippings were taken from the websites of *Exame* and *Carta Capital* magazines. Our hypothesis was that the two magazines have different positions and, supposedly, mean the “economic crisis” differently. To carry out the study, we traced clues in the linguistic-historical materiality that illuminated the understanding of the material character of meaning. We conclude that the two magazines subscribe to different ideological positions. *Exame* magazine talks about the economic crisis, launching meanings that guide the State and businessmen towards the reproduction of capital. The magazine *Carta Capital*, however, takes a critical position, however, it does not place itself as revolutionary.

Keywords: Discourse Analysis, Media, Economic Crisis, Capitalism.

Introdução

É notório que desde 2008 deparamos com inúmeros discursos sobre a “crise econômica” que se desdobram e se articulam à crise financeira, política, ambiental, sanitária etc. Assim, podemos começar nossa reflexão sobre **mídia, crise econômica e capitalismo**² citando Pêcheux (1988a, p. 160), que afirma que o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não existe em si mesmo (em sua transparência com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico. Desse modo, podemos asseverar que a expressão “crise econômica” se apresenta em sua transparência e opacidade, pois dá a entender que “todo mundo sabe” o que é a “crise”, ou, pelo contrário, é algo tão complexo que apenas os “especialistas” em economia saberiam falar sobre ela.

Trata-se de um terreno imbricado pelo discurso e pela ideologia, pois a “crise” também se manifesta discursivamente e tem consequências nas práticas sociais, já que produz efeitos de sentidos que fazem significar os sujeitos e orientam suas escolhas entre alternativas postas pela concretude histórica. Quanto à mídia jornalística, esta aparece como mediação, formulando dizeres, produzindo gestos de interpretação, veiculando e

² O presente artigo é um recorte de um projeto maior financiado pelo CNPq (Bolsa produtividade-PQ2), cujo título é “Práxis discursiva e processos históricos: o caráter material do sentido de “crise econômica” no Brasil”.

fazendo circular sentidos que, em sua materialidade, significam diferentemente a “crise” para os distintos sujeitos, visto que tanto as palavras quanto os sujeitos possuem determinações históricas e ideológicas.

É preciso, então, analisar o discurso sobre a “crise econômica”, problematizar sua opacidade, questionar seu efeito de evidência, para assim compreender seu funcionamento e seu desdobramento na práxis histórica dos sujeitos em sociedade.

Este artigo se inscreve na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de cunho materialista³. Nossa proposta aqui é questionar os sentidos de “crise econômica” produzidos na mídia jornalística. Para isso, analisaremos algumas matérias publicadas pela revista Exame e pela CartaCapital. Nosso gesto é teórico-analítico e também político; faz descrição e interpretação dos processos histórico-discursivos de produção de sentidos e sujeitos e, sobretudo, investiga como os discursos sobre a “crise econômica”, próprios da dinâmica contraditória do capital, veiculados pela mídia, têm funcionado e produzido efeitos na formação social brasileira.

Análise do Discurso e mídia: nas pistas dos processos discursivos

Como dissemos, a Análise do Discurso que praticamos é de cunho materialista e, por isso, vai às raízes do discurso no movimento dialético entre língua e história. Assim, quando analisamos os dizeres, estamos compreendendo os processos discursivo-ideológicos em funcionamento na conjuntura histórica, ou seja, na formação social capitalista brasileira.

Segundo Malidier (2003), em referência a Pêcheux, o discurso é um verdadeiro nó onde se intrincam questões da ordem da língua, do sujeito, da história e da ideologia. Portanto, o objeto aqui é o discurso, enquanto efeitos de sentidos entre interlocutores em determinadas condições de produção. Discurso enquanto curso, percurso, movimento

³ Ver Pêcheux (1988a); Silva Sobrinho (2018; 2019).

(ORLANDI, 1999). Discurso enquanto práxis efeito-trabalho/movente-movido, pois transforma a realidade e intervém na história (SILVA SOBRINHO, 2018)⁴.

Nessa relação do discurso com a história, não podemos deixar de pensar sobre a língua em sua ordem própria, mas relativamente autônoma. Trata-se de uma língua capaz de falhar e causar equívocos. Tampouco podemos deixar de levar em consideração a relação da linguagem com a ideologia. Como diz Orlandi (2007), não se passa de modo direto linguagem/mundo/pensamento, pois a ideologia aí intervém e interpela o indivíduo em sujeito, produz evidências, faz parecer que o sentido se dá a ver como literal, algo pronto e estabilizado, quando, em verdade, o sentido é produção de relações determinadas.

Segundo Orlandi (2007, p. 12), “é pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação”. Como o sentido é uma produção historicamente determinada, fazer análise do discurso exige levar em consideração a historicidade das relações sociais e dos sujeitos juntamente com a historicidade do sentido. A determinação histórica a que estamos nos referindo se produz nas contradições das relações sociais de produção da sociedade capitalista.

Ao nos propormos a refletir sobre discurso, mídia e “crise econômica”, aqui neste artigo, precisamos dizer que, em nossa reflexão, a mídia é compreendida como lócus de formulação e circulação de sentidos. É formulação porque é capaz de textualizar o discurso, articular dizeres, contribuindo para a sua circulação, produção e reprodução de sentidos. A mídia (imprensa) fala “sobre” (MARIANI, 1998), de uma determinada posição ideológica (PÊCHEUX, 1988a), e realiza gestos de interpretação (ORLANDI, 2007). Apesar disso, apresenta-se como se fosse um veículo “neutro” e “imparcial” de notícia/informação.

Segundo Mariani (1998, p. 60), os discursos “sobre” “atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da

⁴ Silva Sobrinho (2018), baseado em Pêcheux (2002), considera o discurso enquanto **efeito** das práticas sócio- históricas dos sujeitos em sociedade e enquanto **trabalho** de retorno a essas práticas que implicam movências de sentidos e de sujeitos. Ao mesmo tempo, pensando também com o marxista Lukács (1978), Silva Sobrinho considera o discurso, dialeticamente, como algo **movente** e **movido** pelas/nas contradições sociais.

memória”. No caso em estudo, as revistas colocam a “crise econômica” como objeto a ser falado (sobre), “retratam” os acontecimentos, “explicam” os fatos, colocam-se como “autoridade” e “didatizam” o mundo para que seja “compreensível” para os/as leitores/as. Mas, ao fazer isso, fazem recortes dos acontecimentos e direcionam a interpretação. Segundo Orlandi (2007), não há sentido sem interpretação e a interpretação tem a ver com a ideologia e tem direção política.

Como dissemos, o presente estudo busca compreender as determinações históricas que constituem o funcionamento do discurso sobre a “crise econômica”, particularmente analisando discursos que circulam na mídia, com base nas seguintes revistas: Exame e CartaCapital.

Esclarecemos que a escolha dessas revistas está fundamentada na hipótese de que as duas têm distintas posições e, supostamente, significam a “crise econômica”, o “Brasil” e os “sujeitos” diferentemente. Em consulta aos *sites* das referidas revistas, é possível visualizar seus interesses, objetivos e público-alvo:

A marca EXAME, da Editora Abril, nasceu em 1967 com a revista EXAME, **hoje a maior e mais influente publicação de negócios e economia do país** [...]. A revista EXAME, de periodicidade quinzenal, possui uma circulação de cerca de 150 mil exemplares (aproximadamente 115 mil assinaturas). **Sua missão é levar à comunidade de negócios informação e análises aprofundadas sobre temas como estratégia, marketing, gestão, consumo, finanças, recursos humanos e tecnologia.** Segundo uma pesquisa do instituto Ipsos-Marplan, EXAME é lida por **91% dos presidentes das 500 maiores empresas instaladas no Brasil.** (Grifos nossos). (Revista Exame)

O jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões [...]. Carta Capital pratica jornalismo em sua essência, **crítico e transparente**, desde a sua fundação, em 1994. Pois não há esperança de sobrevivência humana sem homens e mulheres **dispostos a dizer o que acontece, e o que acontece porque é.** (Grifos nossos). (Revista CartaCapital).

Diante dessa forma de “apresentação” das revistas, podemos asseverar que seus gestos de interpretação são marcados por efeitos das relações que elas estabelecem com o social e os sujeitos no mercado (econômico, editorial e jornalístico). Os dizeres acima mostram a relação com a ideologia em seus efeitos de transparência determinadas pela

conjuntura histórica: “a maior e mais influente publicação de negócios e economia do país” (EXAME); “pratica jornalismo em sua essência, crítico e transparente” (Carta Capital).

Pressupomos com Mariani (1998)

[...] que noticiar, no discurso jornalístico, é tornar os acontecimentos visíveis de modo a impedir a circulação de sentidos indesejáveis, ou seja, determinar um sentido cujo modo de produção pode ser variável conforme cada jornal, mas que estará sempre submetido às injunções das relações de poder vigentes e predominantes. (MARIANI, 1998, p. 82).

Portanto, tais posições-sujeitos (tanto da revista Exame quanto da CartaCapital) interessam à nossa pesquisa, especialmente no desenvolvimento das análises das materialidades discursivas, visto que entendemos que a mídia, ao formular e fazer circular o discurso, produz sentidos em acordo/desacordo com as formações ideológicas e discursivas na qual se inscreve e se distancia. Por isso, seus dizeres carregam vestígios dos conflitos de classes.

Dizendo de outro modo, a mídia jornalística é parte desses conflitos, dessas relações de poder vigentes e predominantes, pois assume posições ideológicas que têm a ver com as lutas de classes da sociedade capitalista, o que implica compreender que os conflitos entre capital e trabalho estão na base do dizível da mídia, seja ela hegemônica ou contra-hegemônica.

Discurso, mídia e “crise econômica”

O dispositivo teórico e analítico da AD permite problematizar os dizeres, realizar os recortes discursivos, construir o *corpus* da pesquisa e buscar compreender o processo discursivo. É um movimento que parte da materialidade significativa e busca delimitar o objeto teórico – em nosso caso, o discurso sobre a “crise econômica”, e responder a nossos questionamentos, a saber: como os dizeres sobre a “crise econômica” circulam na mídia brasileira? Quais as filiações de sentidos presentes nos dizeres das revistas Exame

e CartaCapital? De qual posição-sujeito as revistas enunciam? Como esse discurso funciona enquanto efeito-trabalho/movente-movido nas relações sócio-históricas?

Segundo Orlandi (2007):

Há uma injunção à interpretação. Diante de qualquer objeto simbólico “x” somos instados a interpretar o que “x” quer dizer. Nesse movimento da interpretação, aparece-nos como conteúdo já lá, como evidência, o sentido desse “x”. Ao se dizer, se interpreta – e a interpretação tem sua espessura, sua materialidade –, mas nega-se, no entanto, a interpretação e suas condições no momento mesmo em que ela se dá e se tem a impressão do sentido que se “reconhece”, já lá. A significação é no entanto um movimento contínuo, determinado pela materialidade da língua e da história. (2007, p. 30).

De fato, estamos diante de uma discursividade sobre a “crise econômica” que precisa ser cuidadosamente estudada (interpretada/compreendida), pois produz efeitos de sentidos paradoxais que se entrelaçam às práticas sociais dos sujeitos na sociedade brasileira. Sentidos de **evidência** e **absurdos** estão aí funcionando e, por isso, precisam ser analisados.

O *corpus* da pesquisa foi produzido a partir de títulos de matérias publicadas por essas revistas, num recorte temporal de 2008 a 2022. A coleta e a seleção das matérias foram realizadas através de um trabalho de busca nos *sites* das respectivas revistas, a partir da palavra “crise” e/ou “crise econômica”, procedimento que consideramos ser apenas parcialmente “automatizado”, pois sabemos que no processamento da “lógica” dos computadores (rede/internet) já há ideologia em funcionamento.

De acordo com Mazière (2007, p. 14), o *corpus* não se reduz a uma colagem de textos, porquanto é a construção de um dispositivo de observação e análise. Assim, após a coleta das matérias, procedemos à realização de recortes representativos, identificando as estratégias discursivas e os mecanismos políticos e ideológicos que a imprensa hegemônica e a contra-hegemônica utilizam para significar a “crise econômica”. A partir da análise desses recortes discursivos, verificamos a trajetória dos sentidos, acompanhando, através da relação entre o dizer e as condições materiais de produção, o movimento dinâmico e contraditório da sociedade capitalista.

Nosso dispositivo analítico está amparado no pressuposto de que os discursos não são mensagens “decodificáveis”; são, segundo Orlandi (1999, p. 30), “efeitos de sentidos

produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender”. Assim, o/a analista de discurso trabalha com o dizer e suas condições de produção, buscando, na materialidade do texto, a textualização do político, o funcionamento da ideologia e as forças sociais em lutas na sociedade.

Antes de avançarmos nas análises, ressaltamos que, embora este texto não se trate de uma análise econômica, é preciso partir do entendimento de que a “crise econômica” é um fenômeno histórico e tem uma trajetória específica no sistema capitalista. Por isso, marcamos como ponto de partida a “crise financeira” de 2008, iniciada nos EUA, chamada de “bolha imobiliária”⁵. Observamos que só em 2009 a América Latina começou a sentir mais diretamente os efeitos dessa crise: “quedas nas taxas de lucro”, “endividamento”, “desvalorização da moeda”, “inflação”, “aumento do desemprego”, “pobreza”. Nosso entendimento é que se trata de uma crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002; 2009) e são essas as condições materiais de produção mais profundas que vão sustentar e mover os dizeres sobre “crise econômica” nas duas revistas em análise.

Iniciaremos as análises pelas sequências discursivas (SD) retiradas do *site* da revista Exame. Selecionamos alguns títulos para a presente investigação e classificamos em três blocos, a saber: i) política e crise; ii) crise prejudica determinados sujeitos; iii) soluções para a crise:

i) Política e crise:

Política energética da UE sofre em meio à crise econômica

A crise econômica deu mais tempo para a Europa lidar com os problemas do pouco confiável e dispendioso setor energético. (25.2.2013)

A crise econômica acabou nos EUA e na Europa. Azar o nosso?

⁵ “A chamada crise financeira, nascida no coração do capitalismo mundial, a ‘demanda violenta de meios de pagamento’, significou a falência de poderosas instituições financeiras, bancos de investimentos e seguradoras, choque entre capitais, intervenções colossais dos Estados, disputas entre monopólios, embates entre países, tensões e conflitos de classes.” (TONELO, 2021, p. 10).

O mundo comemora a recuperação dos Estados Unidos e a calmaria na Europa. Mas essa volta à normalidade vai tornar nossas deficiências mais claras. O investidor deve se preparar para um ano nervoso. (27.2.2014)

ii) Crise prejudica determinados sujeitos:

Crise econômica prejudica mais os pobres, diz Meirelles

Segundo o ministro, o maior problema econômico do país é interno, provocado pelo descontrole fiscal e que levou o país a enfrentar a maior crise de sua história. (24.8.2016)

Crise econômica reduz número de milionários no Brasil

Pelo *ranking* de uma consultoria, o Brasil caiu da 16ª para a 17ª posição entre os países com o maior número de milionários, superado em 2015 pelos russos. (23.6.2016)

iii) Soluções para a crise:

Como o empreendedorismo pode tirar o país da crise econômica

Líderes políticos frequentemente se perguntam como podem apoiar melhor os empreendedores durante uma recessão para estimular a criação local de empregos. (24.7.2015)

Como algumas indústrias vêm driblando a crise econômica

Com a queda no consumo, a indústria busca maneiras de driblar a desaceleração e recuperar os resultados no país. (14.5.2015)

Boa parte das notícias veiculadas na revista Exame trata da “crise” como uma questão que afeta o mundo inteiro, mas que se move por etapas. Primeiramente, os países do “primeiro mundo” e, em seguida, os do “terceiro mundo”. As primeiras notícias revelam que o Brasil ainda não havia sido atingido pela “crise”, por isso, a revista veicula notícias sobre União Europeia, Estados Unidos e Rússia. Depois, a partir da década de 2010, faz referência aos países do Sul, em especial os da América Latina (Brasil, Argentina, Venezuela). No entanto, uma notícia se destaca: “A crise econômica acabou nos EUA e na Europa. Azar o nosso?”.

Esse discurso coloca em funcionamento divisões e diferentes movimentações da “crise econômica”: sorte (EUA – “recuperação”; UE – “calmaria”) x azar (Brasil – “nossas deficiências”). Ou seja, o polo hegemônico do capitalismo parece se “recuperar” e/ou viver em “calmaria” e o “azar” é transferido para o outro polo (países do Sul). No fio do discurso, a crise parece se movimentar de determinadas regiões do mundo (hegemônicas) para outras mais periféricas.

No recorte, podemos compreender que a ideia de “azar” produz sentidos de “jogo”. De repente, na dinâmica do “jogo”, o placar vira de um time para o outro. Aquele que estava ganhando passa a perder, e o que estava em “crise” se “recupera”. No entanto, em se tratando de uma crise estrutural do capital – interpretação que a revista Exame não realiza, pois está inscrita numa posição-sujeito de interesses na reprodução do capital –, não há como resolvê-la. Ela se move (TONELO, 2021), desloca-se geograficamente (financeiramente) sem se resolver ou ser resolvida. Assim, a revista direciona um alerta aos empresários do Brasil (donos do capital): “o investidor deve se preparar para um ano nervoso”.

Ao direcionar o discurso para o “investidor”, a revista não fala à classe trabalhadora. É o que podemos confirmar ao analisar o bloco das sequências 2 (crise prejudica determinados sujeitos). Vemos, no fio do discurso, dizeres que afirmam que a “crise” “prejudica os mais pobres” e “reduz o número de milionários no Brasil”. Mas há diferenças na construção dos enunciados que fazem os efeitos de sentidos se distinguirem, pois a “crise” que “prejudica os mais pobres” é dita em forma de citação indireta –“diz Meirelles”⁶ –, o que nos faz compreender que há uma tentativa da revista de realizar um distanciamento dessa leitura (interpretação) de mundo.

Já no caso da “informação” de que a “crise” reduziu o número de “milionários”, o discurso se apresenta de modo direto. Assim, o título, apesar de apresentado como o resultado de uma “consultoria”, produz o efeito de que é a própria revista falando “sobre”, cuja preocupação está na diminuição do número de “milionários” no Brasil. Ou seja, a

⁶ Henrique Meirelles foi Ministro da Fazenda no Governo de Michel Temer (2016-2018) e presidente do Banco Central no Governo Lula (2003-2010). Meirelles foi candidato à presidência do Brasil em 2018. Percebe-se, pois, o entrelaçamento entre economia e política.

“notícia”, em sua inscrição ideológica, é tida como uma evidência dada (assumida) pela própria revista. O interesse é “salvar” os “milionários”.

Chegamos, por fim, ao bloco 3 (soluções para a crise). Na textualidade do discurso, encontramos sinalizações de “como” se faz para “driblar” a “crise econômica”. Um dos caminhos é o “empreendedorismo” e o outro são algumas “práticas das indústrias”. Segundo Mariani (1998, p. 59), “a imprensa tanto pode lançar direções de sentidos a partir do relato de determinado fato como pode perceber tendências de opinião ainda tênues e dar-lhes visibilidade, tornando-as eventos-notícias”.

Na base desses enunciados está o gesto de interpretação de que a “crise econômica” pode ser “driblada”. A palavra é ambígua porque poderia (ou não) ser substituída por “revolvida”. Para nós, novamente se coloca, nessa materialidade discursiva, o caráter destrutivo da lógica do capital. Tenta-se “administrar” a “crise”, mas sem resultados concretos, visto que “produção” e “consumo”, na sociedade capitalista, estão em discrepância⁷. Novamente a revista se utiliza de sentidos de “jogo”: “driblar” a “desaceleração e recuperar os resultados no país”. Como se “driblar” fosse uma forma de “solucionar” a “crise” que é, como diz Mészáros (2002; 2009), estrutural, sistêmica e incorrigível.

Para Mészáros (2009), a “crise econômica” não tem solução; sua superação só pode se dar pela transformação social. É preciso romper com a lógica reprodutiva do capital e assumir a proposta de uma sociedade sem classes, que deve “ser articulada praticamente e consolidada firmemente em todos os seus aspectos cruciais na qualidade de uma sociedade também historicamente sustentável, baseada na igualdade substantiva” (MÉSZÁROS, 2009, p. 122).

Voltando à revista Exame, podemos dizer que esta se institui como porta-voz dos interesses do capital. Suas publicações estão repletas de vestígios do que é delimitado: o que pode e deve ser dito e o que não pode ser dito. Podemos perguntar pelo sujeito deste

⁷ Segundo Marx (1996): “A produção é, pois, imediatamente consumo; o consumo é, imediatamente, produção. Cada qual é imediatamente seu contrário [...]. A produção é mediadora do consumo, mas o consumo é também mediador da produção ao criar para os produtos o sujeito, para o qual são produtos [...]. Sem produção não há consumo, mas sem consumo tampouco há produção”. (p. 32).

discurso e, assim, compreender que ele está relacionado às posições de classes na conjuntura histórica. A revista fala da posição dos interesses capitalistas.

Em se tratando da revista CartaCapital, nossa investigação mostrou que ela tem uma leitura (interpretação) crítica do mundo, mas, mesmo assim, possui limites que, para nós, são um efeito das contradições da sociedade capitalista.

Observemos, nas sequências discursivas que seguem, o modo como a CartaCapital significa a “crise”:

SD1: A crise econômica não é para todos

Mesmo com crescimento econômico reduzido ou mesmo em recessão, uma parcela pequena e privilegiada da sociedade tem conseguido ampliar sua renda e riqueza. (11.1.2022)

SD2: Informalidade, a cara da crise no Brasil

A legião de informais está de volta: com desemprego em alta, mais de 40 milhões de trabalhadores sem renda fixa e carteira assinada vivem de “bicos”. (22.2.2017)

SD3: A crise pode ser uma desculpa

Desde setembro de 2008, quando teve seu momento mais intenso, a crise virou bode expiatório para tudo; demissões, cortes, redução de gastos públicos etc. (17.2.2012)

SD4: Quais são as ideias e interesses que alimentam a crise?

Em tempos de instabilidade institucional, de retrocessos sociais e crescentes tensões, faz-se necessário buscar saídas democráticas e progressistas. (22.12.2016)

SD5: Crise econômica: como chegamos aqui e como superá-la

A recuperação prometida pelo governo Temer não se confirmou. A recessão brasileira é mais profunda e as medidas adotadas até agora não são a solução. (30.1.2017)

Conforme os recortes das SD apresentados, podemos observar que as matérias procuram desnudar certos discursos (efeitos de evidência) sobre a “crise econômica”. A SD1, por exemplo, diz que “a crise econômica não é para todos” / “uma parcela pequena

e privilegiada da sociedade tem conseguido ampliar sua renda e riqueza”. O que faz o/a leitor/a compreender que existem classes sociais e que a “crise econômica” é vivida diferentemente pelos sujeitos, e distintamente significada por esses sujeitos. A matéria poderia dizer “classes sociais”, mas optou por escrever “parcela pequena e privilegiada da sociedade”. Trata-se de um movimento parafrástico e polissêmico que redefine classes sociais e produz outros efeitos de sentido.

Consideramos que a revista CartaCapital assume uma posição distinta da revista Exame. Assim, na SD2, ela fala sobre a classe trabalhadora na “informalidade” (“sem renda fixa e carteira assinada vivem de ‘bicos’”). No fio do discurso se mostra, novamente, a divisão da sociedade brasileira em classes sociais: parcela privilegiada x trabalhadores informais. Tal materialização do discurso é efeito-trabalho/movimento da formação social capitalista. A “crise” afeta a classe trabalhadora e o dizer da revista; ao diferenciar como a “crise” é sentida, mostra o quanto sua leitura está implicada nas lutas sociais e, por isso, produz efeitos (diretos e indiretos) nas práticas sócio-históricas de reprodução/transformação da sociedade capitalista.

Na SD3, podemos depreender que a revista toma posição ao afirmar que “a crise pode ser uma desculpa” / “bode expiatório para tudo”: “demissões”, “cortes”, “redução de gastos públicos” “etc.”. Essa articulação discursiva torna visível o funcionamento da ideologia burguesa, pois, conforme Marx e Engels (2004, p. 78), as ideias dominantes são as ideias das classes dominantes⁸.

Assim, também encontramos essa leitura crítica na SD4, que pergunta: “quais são as ideias e interesses que alimentam a crise?”. Nessa direção, a CartaCapital aponta para os interesses dominantes que visam explorar cada vez mais a classe trabalhadora e aprofundar as desigualdades com políticas neoliberais. O conflito entre capital e trabalho se torna presente na textualização do discurso, de tal modo que “sentimos o peso e a força dilaceradora da dinâmica contraditória do complexo das relações sociais capitalistas” (SILVA SOBRINHO, 2018, p. 60).

⁸ “As ideias dominantes, são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes [...]. São, portanto, a manifestação das relações que transformam uma classe em classe dominante; são, dessa forma, as ideias de sua dominação.” (MARX; ENGELS, 2004, p. 78).

Apesar de trazer vestígios das lutas de classes em seus textos, a CartaCapital aponta para “como superar” a “crise econômica” direcionando seu olhar (leitura) ao âmbito da política (SD5: “governo Temer”). Assim, observamos que a revista denuncia o “governo Temer”, que não “recuperou a economia”, pois considera que “as medidas adotadas até agora não são a solução” (SD5). Quando retomamos a SD4, constatamos que a revista aponta para “saídas democráticas e progressistas”, mas fica ainda nos limites da política econômica de governo. Ou seja, a centralidade da política prevalece e sustenta os dizeres sobre a “crise econômica” da revista CartaCapital. Este, a nosso ver, parece ser seu limite histórico, pois a CartaCapital se coloca como crítica, “progressista”, mas se mantém nos limites da política.

Antes de nos encaminharmos para as conclusões deste artigo, precisamos analisar mais duas seqüências discursivas que nos inquietaram. Uma da revista Exame e outra da Carta Capital.

FMI projeta mais de dez anos de crise econômica mundial

Blanchard pediu mais solidariedade entre os países membros da Zona Euro e uma maior integração das políticas econômicas. (Exame, em 3.10.2012)

FMI projeta mais de dez anos de crise econômica mundial

Segundo o economista-chefe da entidade, será preciso uma década para que a economia mundial fique em um bom estado. (Carta Capital, em 3.10.2012)

Quando colocamos os dois enunciados em contraponto, ficamos sem saber, com segurança, quais as posições-sujeito de cada revista por conta da “coincidência”: trata-se de um discurso relatado⁹, pois as revistas falam sobre (informam/noticiam) o que o FMI “projetou” sobre a duração da “crise econômica”. Esses enunciados podem ser inicialmente interpretados como um modo técnico (mecanismo) do “próprio” jornalismo de noticiar o fato. Quando questionamos a coincidência dos títulos, podemos perguntar

⁹ Discurso relatado no sentido que Authier-Revuz explica: heterogeneidade mostrada “como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso.” (1990, p. 26).

se não haveria outro modo de dizer e produzir sentidos outros. É o real da língua e o real da história produzindo tensões.

A nosso ver, estamos diante dos esquecimentos ideológicos e enunciativos, como diria Pêcheux (1988a). O sujeito jornalista pensa que só pode dizer daquela maneira e não de outra. Podemos entender que as duas revistas tomam, consensualmente, o “FMI” como autoridade (político-econômica, ou seja, um já-dito, ou ainda, uma objetividade material contraditória) e, por isso, indicam, sem questionamentos, que a “crise econômica mundial” terá mais de “dez anos”. Portanto, estabelece-se um paradoxo nessa leitura que nos faz questionar se as duas revistas falam da mesma posição-sujeito e/ou são determinadas pela mesma exterioridade constitutiva que está regulando a interpretação.

Em nossa reflexão entendemos que, apesar de sofrerem o impacto da crise estrutural do capital, as duas revistas não falam da mesma posição-sujeito. Isso não significa que seus dizeres “sobre” estão “livres” de equívocos ou da opacidade da linguagem. Ao contrário, funcionam no encontro da língua com a história e no funcionamento da ideologia e do inconsciente. Portanto, a nosso ver, são as determinações da “crise econômica” agindo nos enunciados e delimitando os possíveis e impossíveis dizeres que abrem espaço para essas “aproximações/distanciamentos” de interesses na materialidade do discurso em análise.

Assim, sendo a práxis material determinadora do pensamento (MARX; ENGELS, 2004), podemos dizer que, pelo que vimos analisamos, a revista Exame assume posição pela reprodução da lógica do capital. As relações sociais (relações de sentidos) que a revista estabelece fazem “pensar” que a “crise” pode ser “resolvida” (principalmente) com políticas de austeridade que massacram a classe trabalhadora. Portanto, seu gesto de interpretação, que não está fora da história, é o lugar de manifestação da ideologia dominante.

Quanto à revista CartaCapital, seus dizeres também influenciam a totalidade histórica, mas de outra forma. Esta revista tenta frear a reprodução do capital e os efeitos da “crise” no mundo do trabalho, fazendo “denúncias”. No entanto, nem sempre seus dizeres significam resistência, pois podem cair em contradição pelo efeito da ilusão da transparência da linguagem, pelo efeito da ideologia da classe dominante, que é o caso

do funcionamento deste último recorte: sem ter total controle do seu dizer, a revista dá voz ao “FMI”, deixando escapar os interesses do capital.

Apreciar (analisar) este último recorte é bastante complexo e nos serve de alerta para as artimanhas do discurso que estão nas determinações do processo histórico-econômico. Nessa perspectiva, nossas análises precisam ser sempre radicais¹⁰, ou seja, ir às raízes das questões para chegarmos, como diz Pêcheux (1988a), ao caráter material do sentido.

Segundo Silva Sobrinho (2019, p. 26), chegar ao caráter material do sentido é compreender o caráter complexo e dialético da produção de sentidos e da constituição dos sujeitos na processualidade histórica atual, fundada no antagonismo entre capital e trabalho. É uma forma de se inscrever na perspectiva materialista e não deixar que a AD se esvazie da crítica à sociedade capitalista.

Assim, como a sociedade capitalista tende para sua reprodução, falar “sobre” o mundo, embora necessário, é sempre um risco, pois o discurso se inscreve na processualidade histórica e pode tender a reproduzi-la ou transformá-la. O/a analista precisa estar atento a esses funcionamentos, já que a linguagem atua na dinâmica de reprodução/transformação do capitalismo e a ordem do discurso se constitui nas contradições da relação dos sujeitos com os sentidos. Portanto, mesmo utilizando a mesma língua, as revistas não produzem o mesmo discurso.

Considerações finais

Como vimos, a mídia jornalística fala sobre a “crise econômica” porque esta é uma questão crucial que afeta na atualidade todos os âmbitos de nossa existência. Segundo Mészáros, a crise estrutural do sistema do capital “[...] vai se tornar à certa altura muito mais profunda, no sentido de invadir não apenas o mundo das finanças globais mais ou menos parasitárias, mas também todos os domínios da nossa vida social, econômica e cultural” (2009, p.17). Desse modo, a “crise econômica” parte da concretude do vivido e

¹⁰ Ser radical, segundo Marx (2010, p. 151), é agarrar a coisa pela raiz. Ou seja, ir à raiz da sociedade capitalista para compreender seu funcionamento e encontrar alternativas de superação.

sua discursividade se torna objeto de debate e disputa pelos sentidos, pois eles se inscrevem na história com variadas formas de dizer e significar.

Diante da “crise econômica”, e ao mesmo tempo, dialeticamente inscritas nela, as revistas falam “sobre” e produzem/reproduzem gestos de interpretação sobre o real. Dizendo de outra forma, as publicações dessas revistas produzem efeitos determinados pela conjuntura histórico-ideológica. É a língua da mídia fazendo sentido na práxis dos sujeitos numa determinada sociedade – nesse caso, na sociedade capitalista, em sua crise estrutural e sistêmica.

Em nosso estudo, compreendemos que as revistas Exame e CartaCapital têm públicos distintos, falam de posições opostas, pois têm interesses materiais e ideológicos diferentes. Mesmo inseridas nas condições de produção da crise estrutural do capital, as revistas se posicionam de modos díspares, ideologicamente “noticiando/informando” sobre os acontecimentos. A Exame fala da posição empresarial; poucas vezes vimos os/as trabalhadores/as sendo referenciados/as, pois o interesse desta revista está na reprodução do capital e, nessa direção, atua como apologista do sistema capitalista. Já a CartaCapital fala da posição-trabalho, desmascarando a particularidade dos efeitos da “crise econômica” para os diferentes sujeitos de classes na sociedade brasileira. No entanto, não visualizamos uma perspectiva revolucionária em seus dizeres.

Podemos concluir, retomando Mészáros (2002), que a “crise econômica”, ou ainda, as “crises econômicas” são intrínsecas ao sistema capitalista. Nessa direção, precisamos continuar a fazer crítica radical e, de nossa parte, enquanto estudiosos/as do discurso, não podemos nos furtar a enfrentar esse desafio. É preciso analisar os discursos que circulam na sociedade brasileira para, compreendendo seu processo fundado no conflito entre capital e trabalho, romper com a lógica reprodutora desta sociedade. Fazer isso é, para nós, realizar uma crítica revolucionária, pois fazer AD é, como disse Pêcheux (1988b), ousar pensar e ousar se revoltar. O que fizemos aqui foi uma prática histórica que faz ciência e política ao mesmo tempo, conectando o dizer com suas condições de produção a fim de, resistindo à reprodução do capital, radicalmente, buscar sua superação.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP, n. 19, jul.-dez. p. 25-42, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso: 9 de abril de 2023.

LUKÁCS, Georg. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: **Revista Temas de Ciências humanas**. São Paulo, n° 4, 1978.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas-SP: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Unicamp, 1998.

MARX, Karl. **Para uma crítica da Economia Política**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 1996.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas-SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1988a.

PÊCHEUX, Michel. Só a causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: **Semântica e Discurso**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1998b.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas-SP: Pontes, 2002.

SILVA SOBRINHO, Helson. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso. **Revista Polifonia**. Cuiabá-MT, v. 26, n. 43, jul./set. 2019. <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8307>. Acesso: 9 de abril de 2023.

SILVA SOBRINHO, Helson. Os (des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso. In: BALDINI, Lauro; BARBOSA FILHO, Fábio. **Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades**. Vol. 2. Campinas-SP: Pontes, 2018.

TONELO, Iuri. **No entanto, ela se move: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2021.